

VIII Colóquio Nacional Michel Foucault

A VIDA COMO ESCÂNDALO DA VERDADE 40 anos do curso A CORAGEM DA VERDADE

ALETURGIAS E DISSIDÊNCIAS NA ATUALIDADE BRASILEIRA

André M. P. Favacho

Professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação de Educação da
Universidade Federal de Minas Gerais – amfavacho@hotmail.com

RESUMO: A noção de *aleturgia* presente na obra de Foucault ainda se apresenta de maneira bastante lateral nos estudos filosóficos brasileiros, especialmente quando relacionada a alguma prática social. Diante dessa lacuna, o presente trabalho pretende explorar, ainda que de maneira muito breve, a noção de *aleturgia* na obra de Foucault e estabelecer um diálogo inicial com as práticas dissidentes na atualidade brasileira. Parte do princípio de que a *aleturgia* é o excedente na manifestação do poder, o “a mais” que se dá em forma de ritual, necessário à manifestação do verdadeiro, isto é, ela é a condição necessária para a veridicção da verdade. Nesse sentido, poderíamos pensar que as dissidências atuais desfrutariam de um tipo de *aleturgia* - aleturgias dissidentes -, composta por um ritual capaz de: (a) legitimar suas lutas, (b) opor-se às aleturgias de Estado e, ao mesmo tempo, (c) introduzir nas aleturgias de Estado um elemento novo, sem o qual o próprio Estado não poderá seguir. O elemento novo, é nossa aposta, é o complexo regime de verdades dissidentes que, em especial, teria nas novas subjetividades seu maior trunfo. Sendo assim, o próprio Estado não poderia ignorar que há, na vida atual, novas subjetividades operando e que seria um equívoco ir contra elas.

PALAVRAS-CHAVE: aleturgia; dissidência; Foucault.

A noção de Aleturgia em Michel Foucault

Em seu livro *Do Governo dos Vivos*, resultante do curso de 1979-1980, Foucault inaugura um novo projeto de investigação sobre o governo dos homens pela verdade, questão já tratada em *Nascimento da Biopolítica*, curso de 1978-1979. O filósofo dizia que, em fins do século XVIII, uma outra maneira de governar se instaurava no Ocidente; uma espécie de "autolimitação [dos governos] pelo princípio da verdade" (FOUCAULT, 2008, p. 24). Ou seja, os governos passam a governar por intermédio de um regime de verdade e não mais pelo simples direito natural e/ou pelos atributos divinos do soberano. O cerne de um regime de verdade na política daquela época era, bem entendido, encontrar o limite ideal entre governar demais e governar o bastante.

VIII Colóquio Nacional Michel Foucault

A VIDA COMO ESCÂNDALO DA VERDADE 40 anos do curso A CORAGEM DA VERDADE

Obviamente, Foucault não visava encontrar a verdade final de como se governa, nem encontrar a verdade que desde sempre deveria ser utilizada para fins de governo. Ele se ocupava, antes, em compreender como as práticas de governo se modificavam; portanto, se ocupava em localizar descontinuidades históricas que marcavam a forma como os governos governavam os indivíduos. Percebe, então, que essas descontinuidades eram práticas que, via de regra, atendiam a urgências de toda ordem, as quais davam forma ao que antes não existia. Por volta do século XVIII, determinadas práticas passaram a dar forma ao governo dos homens pela verdade ou por um regime de verdades estatais. É daí que Foucault infere que o liberalismo, o ordoliberalismo, o neoliberalismo etc. tornaram-se os regimes de verdade responsáveis (ainda hoje) pelo governo dos homens. As verdades desses regimes "cumpram" a tarefa de, como dissemos, encontrar o limite ideal entre governar demais e governar o bastante.

O autor nos mostra também que o mercado passava a ser o lugar onde nascem as verdades que os governos precisam e onde eles procuram verificar se estão de acordo ou não com elas. Assim, "o mercado deve dizer a verdade, deve dizer a verdade em relação à prática governamental" (FOUCAULT, 2008, p. 45).

Em *Nascimento da Biopolítica*, Foucault diz claramente que, em vez de desejar fazer a história da verdade, desejava fazer a história dos regimes de veridicção; em vez de história da ideologia, do erro ou da verdade que manipula, desejava compreender os diferentes regimes de veridicção. Em suas palavras, isso significa compreender "o conjunto das regras que permitem estabelecer [...] quais enunciados poderão ser caracterizados [...] como verdadeiros ou falsos" (FOUCAULT, 2008, p. 49).

No livro *Do Governo dos Vivos*, do curso de 1979-1980, Foucault afirma que irá continuar com o tema do governo pela verdade, mas que, antes, gostaria de fazer, pelo menos, dois deslocamentos em seu próprio pensamento, ambos sobre o tema saber-poder. O primeiro deslocamento era que não se tratava mais da relação saber-poder, ou seja, não se tratava mais de saberes produzidos pelas relações de força, subjetivando as pessoas, e sim de especular como os sujeitos se vinculam a certas verdades, tornando-as suas, subjetivando-se. O segundo deslocamento era inferir que essa vinculação só seria possível na medida em que um certo governo exige do sujeito atos de obrigação,

VIII Colóquio Nacional Michel Foucault

A VIDA COMO ESCÂNDALO DA VERDADE 40 anos do curso A CORAGEM DA VERDADE

obrigação de manifestar a verdade, e o sujeito obedece porque entende que ela, a verdade, é também a sua.

Foucault também trata desse assunto nos livros *O Governo de Si e dos Outros* e *A Coragem da Verdade*, mas deixaremos essa discussão para outro momento.

Importa, neste momento, mostrar o que o filósofo fez para contornar esses novos problemas: ele propõe a noção de aleturgia, ou seja "o conjunto de procedimentos possíveis, verbais ou não, pelos quais se revela o que é dado como verdadeiro em oposição ao falso, ao oculto, ao indizível, ao imprevisível, ao esquecimento". E mais: "não há exercício do poder sem algo como uma aleturgia" (FOUCAULT, 2014, p. 08). Em outro momento, Foucault (2014) simplifica o significado de aleturgia, dizendo que elas "são maneiras de dizer a verdade" (FOUCAULT, 2014, p. 45).

Para entender as maneiras de dizer a verdade ou de manifestar a verdade, Foucault (2014) parece propor, ao lado da noção de aleturgia, três noções interdependentes, a saber: regime de verdade, atos de verdade e veridicção do verdadeiro. De maneira sucinta, ele entende por regime de verdade isso que "força os indivíduos a um certo número de atos de verdade" (FOUCAULT, 2014, p. 85). Trata-se do corpo doutrinal de uma prática, portanto de saberes (agonísticos) que orientam uma prática ética. Contudo, embora esses saberes sejam da maior importância, eles não determinam tudo, pois, em uma aleturgia, mais do que saberes, importa os atos de verdade, isto é, as obrigações ou ritos que os indivíduos impõem a si mesmos e precisam demonstrar publicamente. Sendo assim, aleturgias são "atos reflexivos de verdade" (FOUCAULT, 2014, p. 82). Nessa perspectiva, pode-se dizer que um "regime de verdade é o que determina as obrigações dos indivíduos quanto aos procedimentos de manifestação do verdadeiro" (FOUCAULT, 2014, p. 85). Por fim, a noção de veridicção do verdadeiro, isto é, a existência de uma instância ou lugar que determina o que vale e o que não vale como verdade. Em *Nascimento da Biopolítica*, Foucault falava do mercado, que emergiu no século XVIII, como um possível lugar de veridicção do verdadeiro; no livro *Do Governo dos Vivos*, falava na confissão - em seus três níveis: batismo, penitência eclesial e direção da consciência - como lugar que certificaria a verdade.

VIII Colóquio Nacional Michel Foucault

A VIDA COMO ESCÂNDALO DA VERDADE 40 anos do curso A CORAGEM DA VERDADE

Aleturgia e Ideologia

Antes de prosseguir, vale reforçar que, entre outras questões, com esse tema da aleturgia, Foucault desejava oferecer outra interpretação para o tema da ideologia. Mais do que ideologia, verdade manipuladora, ilusória, mentirosa, o filósofo pretendia entender como foi possível que, no Ocidente, se estabelecessem “as relações entre o governo dos homens, a manifestação da verdade na forma da subjetivação e a salvação para todos e cada um” (FOUCAULT, 2014, p. 69). Nota-se que a problemática ideológica, digamos assim, continua em jogo, isto é, compreender como os indivíduos estão atrelados (ilusoria ou conscientemente; voluntária ou involuntariamente) a certas verdades (dominantes ou comuns). De fato, a problemática ideológica continua em jogo, mas de um jeito diferente: mais do que saber como, por que e por quais meios os indivíduos são manipulados ou enganados, saber como eles se tornam sujeitos de suas verdades. Não se trata de dizer que os sujeitos são responsáveis pelas suas escolhas, mas sim que suas escolhas resultam de processos de operação na ordem do verdadeiro; operação que une ou funde poder-verdade-subjetividade. Enquanto a ideologia torna o sujeito passivo diante de um poder, a aleturgia envolve o sujeito, a ponto de ele se tornar, ao mesmo tempo, operador, espectador e objeto de verdades.

Contudo, essa operação é demasiadamente complexa, uma vez que, historicamente, no Ocidente, ela é resultado de um longo processo de aprendizagem. Segundo o autor, aprendemos com Édipo Rei, de Sófocles, entre outras coisas, a experiência fundamental para o Ocidente: falar em primeira pessoa, acontecimento que Foucault chamou de autoaleturgia. Esse procedimento em que alguém diz “eu vi”, “vi com meus próprios olhos”, “peguei com minhas próprias mãos” etc. é um acontecimento da maior importância, pois indica que algo havia mudado. Se, antes, o comum era o indivíduo invocar um deus, um ser superior, divino e falar em nome dele, na aleturgia de Édipo, o indivíduo faz algo diferente; ele diz algo como “eu mesmo sei porque estava presente”.

Édipo, ao instaurar o seu procedimento jurídico, exige que o escravo fale, e a verdade do escravo está sustentada na sua experiência vivida. O escravo não falava; os deuses falavam. Os reis falavam; o escravo, não. No Édipo Rei, Foucault vê surgir duas

VIII Colóquio Nacional Michel Foucault

A VIDA COMO ESCÂNDALO DA VERDADE 40 anos do curso A CORAGEM DA VERDADE

aleiturgias: a dos deuses e a dos escravos; a dos deuses e a dos homens; a aleiturgias dos reis e chefes e a dos que servem; a aleiturgia oracular e a aleiturgia do testemunho (ou judiciária). Disso resulta uma série de desdobramentos, que deixaremos de lado.

Para além de Édipo, Foucault mostra como o cristianismo também foi vital para a forma como aprendemos a nos subjetivar pela verdade, verdade manifestada, verdade vista, vivida e pronunciada pelo sujeito em primeira pessoa. Foucault demonstra como, sobretudo a partir de Tertuliano, por meio da confissão, o sujeito é levado, conduzido a se vincular à verdade e ao poder.

No cristianismo, para sanar sua dívida com o mal e ter acesso à verdade, exige-se do sujeito que ele se purifique, havendo toda uma preparação para isso. Exige-se, por exemplo, que o sujeito estude a doutrina, mas, mais do que isso, o catecúmeno precisa adquirir um estilo, um modo de viver muito peculiar, de modo que dê provas, ao longo de toda a sua vida, de que é forte o suficiente para vencer as tentações do diabo. Sua alma se tornará, para sempre, objeto de conhecimento e o próprio sujeito estará em permanente vigilância de si mesmo, mantendo-se sempre firme, evitando macular ou enodoar sua purificação; portanto, mantendo-se sempre apto a acessar a verdade.

Foucault, assim, infere que, em sua história, o Ocidente produziu muitos exemplos de governos que exigem dos sujeitos atos de verdade, de fé ou de obrigação. Cita o caso do século XVII, quando o governo político era a arte de conduzir as consciências, as almas em forma de ritual. Insinua também que, mesmo no século XX, a relação poder e verdade era exigida, embora de modo reverso, como em Rosa Luxemburgo, que defendia desvincular o poder da verdade por meio da tomada de consciência. Verifica, portanto, que os próprios socialistas não ousavam perder de vista a relação política e verdade, isto é, a fim de superar o capitalismo, desejavam outra verdade, manifestada pelos indivíduos. Do ponto de vista dos socialistas, o capitalismo não seria superado se os indivíduos não colocassem em prática, em forma de atos de verdade, uma ação que fosse forte o suficiente para suplantar o inimigo. Portanto, fica definitivamente claro que a noção de ideologia, pelo menos como defendida pelos marxistas, não satisfaz Foucault quando se trata de pensar a relação poder-verdade-subjetividade. E que, mais que ideologias, o que se tem são regimes de verdade que se

VIII Colóquio Nacional Michel Foucault

A VIDA COMO ESCÂNDALO DA VERDADE 40 anos do curso A CORAGEM DA VERDADE

multiplicam entre os diferentes grupos sociais, exigindo diferentes formas de vinculação dos sujeitos à verdade e à política.

Talvez agora fique clara a aposta de Foucault de que, no Ocidente, o poder não obedece apenas às leis jurídicas ou elaboradas teorias. Ele exige, ao mesmo tempo, a manifestação do verdadeiro por parte do sujeito, exige que o sujeito entregue, de forma incontestada, seu corpo como manifestação do verdadeiro. Na política, o sujeito precisa deixar claro qual é sua participação no conjunto geral da luta em que está localizado, precisa manifestar a verdade, subjetivando-se, isto é, provando que ele se liga àquela verdade, porque ele a reconhece, porque ele a viu e presenciou.

Aleturgia e dissidência

Dito isso, podemos agora fazer alguns poucos apontamentos sobre o que estamos chamando de aleturgia dissidente,¹ sobre a qual traçaremos algumas linhas:

a) de partida, as dissidências não defendem ou são meras ideologias. São, mais do que isso, formas de expressar verdades próprias e dispor delas nos diferentes enfrentamentos políticos;

b) por aleturgias dissidentes entendemos o ritual que constrange os rituais de Estado e das ciências, ou melhor, constrange rituais dominantes, quaisquer que sejam, produzindo regimes de verdade genuínos, porque provenientes das realidades nas quais os sujeitos se encontram. As dissidências vivem e, portanto, conhecem de perto - melhor dizendo, de dentro - outras verdades;

c) enquanto as aleturgias dominantes são da investigação ou do inquérito, as aleturgias dissidentes valorizam os saberes ancestrais, da natureza e do cosmos. A tentativa é colocar esses saberes novamente em funcionamento, atualizando-os. Tenta-se voltar a esses arquivos e dar a eles, mais uma vez, a chance de atuar sobre os problemas do presente;

¹ Vale a pena verificar as notas de Foucault sobre as seguintes noções: exclusão, em *A Sociedade Punitiva* (2015); transgressão, em *Prefácio à Transgressão* (2001); dissidência, nos livros *Em Defesa da Sociedade* (1999) e *Segurança, Território, População* (2008).

VIII Colóquio Nacional Michel Foucault

A VIDA COMO ESCÂNDALO DA VERDADE 40 anos do curso A CORAGEM DA VERDADE

d) assim, os sujeitos dissidentes produzem uma linguagem específica e a movimentam por meio de seus corpos e de suas estéticas, a fim de explicitar práticas que foram soterradas ou desqualificadas por outras linguagens ou por outros regimes de verdade;

e) as dissidências constroem, portanto, conceitos, noções, definições próprias, a fim de dispor ou ordenar novas táticas e estratégias de enfrentando de lutas;

f) porém, mais do que conceitos ou teorias, as dissidências constroem um modo de vida, com o qual se apresentam publicamente, gerando atos de provocação ou de constrangimentos a quem detém os privilégios de classe, raça, etnia, gênero ou sexualidade;

g) enquanto as alertugias dominantes valorizam o "eu vi" ou "quem fez isso" – portanto, valorizam inquéritos e testemunhas -, as dissidências, sem perder isso de vista, valorizam também o "eu sinto". Na verdade, valorizam tudo "que vivem e sentem". Poder-se-ia dizer que seu maior enunciado é: "sou o que vivo e o que sinto";

h) ora, se enunciam "sou o que vivo e o que sinto", muitos podem viver e sentir múltiplas realidades, sentimentos, percepções e experiências;

i) portanto, nota-se que os dissidentes não estão realmente vinculados a regimes de verdades exatas ou com pretensão de exatidão; pelo contrário, se vinculam à verdades flexíveis, dobradiças e/ou móveis;

j) mas vale alertar que, embora esses princípios sejam gerais para todas as dissidências, facilmente veríamos, em cada uma, formas muito específicas de atuação. Supomos, assim, que aquilo que os movimentos negros praticam não corresponde exatamente ao que os movimentos lgbtqi+ fazem, tampouco corresponderia às práticas das militâncias indígenas ou ecológicas. Ou seja, entre esses movimentos, os conceitos são diferentes, as táticas são diferentes, as estratégias são outras, as estéticas não se equiparam e, assim, sucessivamente;

k) o fato de tudo entre as dissidências ser muito específico mostra que, de fato, não se trata de ideologias, mas da multiplicidade de formas de engajamento em diversos e diferentes regimes de verdade. Trata-se, antes, de formas de vinculação a verdades muito específicas que, uma vez estruturadas, entram nas arenas de combate com outras aleturgias. É certo que as dissidências lutam contra as verdades exatas ou cartesianas,

VIII Colóquio Nacional Michel Foucault

A VIDA COMO ESCÂNDALO DA VERDADE 40 anos do curso A CORAGEM DA VERDADE

mas lutam também entre si, uma vez que partem de realidades objetivas e subjetivas muito específicas. Daí porque, na atualidade, os movimentos de luta não representam uma unidade, não são um todo unitário. Isso explica porque os movimentos negros e das identidades de gênero, por exemplo vivem, frequentemente, anunciando dissidências internas;

l) como se pode ver, essas aleturgias possuem continuidades, uma vez que compartilham o mesmo enunciado ("sou o que vivo e o que sinto"), mas possuem particularidades - cada sujeito vive e sente a partir de um lugar (objetivo e/ou subjetivo) específico. Então, estamos longe de entender a complexidade de suas dinâmicas;

m) seja como for, essas aleturgias dissidentes, assim definidas, têm dado prova de que são capazes de: (i) legitimar suas lutas, (ii) se opor às aleturgias de Estado e, ao mesmo tempo, (iii) introduzir nas aleturgias de Estado seus próprios regimes de verdade, em especial aqueles que dizem respeito às novas subjetividades. Esse é o seu maior trunfo! O Estado, assim encurralado, não poderá simplesmente ignorá-las. Se assim o fizer, será um equívoco.

n) é óbvio que o Estado entrará em luta contra essas novas aleturgias, mas é evidente também que ele passa a incorporá-las, o que dá a essas novas lutas alguma respeitabilidade. Com frequência, suas noções e conceitos passam a ser considerados nas políticas de Estado ou, pelo menos, nas políticas de certos governos.

Nosso interesse aqui não é nada mais do que propor outra maneira de compreender as lutas dissidentes da atualidade. Mais do que acusá-las de serem lutas presas a bolhas específicas ou de que elas constroem individualidades perigosas - embora estejamos atentos a isso -, nosso objetivo é compreender suas dinâmicas. Gostaríamos de pensá-las no presente, para saber como seria possível potenciar suas conquistas e, talvez, avaliar suas táticas. No futuro, nosso interesse é compreender como é viver em um tempo em que os enunciados políticos exigem das pessoas que elas sejam capazes de, permanentemente, expressarem tudo o que vivem e sentem. Não se trata de expressar simplesmente o que viram com os seus próprios olhos, mas de expressar a dor - talvez o prazer, se for esse o caso - de ter vivido essa ou aquela experiência. De dizer a todos, por exemplo, qual é a experiência social de ser um homem negro ou uma mulher negra; uma negra ou um negro lgbtqia+; uma pessoa transexual, não-binária, que nunca

VIII Colóquio Nacional Michel Foucault

A VIDA COMO ESCÂNDALO DA VERDADE 40 anos do curso A CORAGEM DA VERDADE

pode expressar publicamente seu amor por alguém; uma pessoa indígena que não pode adorar suas divindades; uma pessoa quilombola que não pode viver abertamente sua crença e cultura; uma pessoa lgbtqi+ que, apesar de insistir em expressar seus desejos, precisa viver em permanente alerta, cautela, atenção ou precaução. Enfim, compreender como os dissidentes vivem e sentem em um tempo em que precisam estar permanentemente atentos para se manterem vivos.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. *Em Defesa da Sociedade*. Tradução: Maria E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. Prefácio à transgressão. In: *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Ditos e Escritos III. Tradução: Inês A. D. Barbosa. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

FOUCAULT, M. *Nascimento da Biopolítica*. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. *Segurança, Território, População*. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. *O Governo de Si e dos Outros: curso no Collège de France (1982-1983)*. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. *A Coragem da Verdade: o governo de si e dos outros II*. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, M. *Do Governo dos Vivos: curso de collège de France (1979-1980): excertos*. 2. ed. São Paulo: Centro de Cultura Social; Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.

FOUCAULT, M. *A Sociedade Punitiva: curso no Collège France (1979-1970)*. Tradução: Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2015.